

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE
CENTRO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA - CECIMIG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS
PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I - ECEF

PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS:
EXPERIÊNCIA EM UMA TURMA DE EJA JUVENIL DE UMA ESCOLA
PÚBLICA DE BELO HORIZONTE

VIVIANE MOREIRA FRANCISCO

BELO HORIZONTE

2016

Viviane Moreira Francisco

PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS:

EXPERIÊNCIA EM UMA TURMA DE EJA JUVENIL DE UMA ESCOLA
PÚBLICA DE BELO HORIZONTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ensino de Ciências e Matemática da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do certificado de conclusão do curso presencial de Pós-Graduação Especialização em Educação em Ciências para professores do Ensino Fundamental I – ECEF I.

Orientadora: Profa. Ma. Elaine Soares França

Belo Horizonte

2016

Viviane Moreira Francisco

PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS:
EXPERIÊNCIA EM UMA TURMA DE EJA JUVENIL DE UMA ESCOLA
PÚBLICA DE BELO HORIZONTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ensino de Ciências e Matemática da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do certificado de conclusão do curso presencial de Pós-Graduação Especialização em Educação em Ciências para professores do Ensino Fundamental I – ECEF I.

Aprovado em 22 de fevereiro de 2016

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Elaine Soares Franca

Prof. Dr. Santer Álvares de Matos

DEDICATÓRIA

Ao meu filho Vinícius Kabengele, minha melhor parte, que foi cerceado de minha presença nos sábados do curso e nos meus momentos de estudo.

Aos meus familiares e ao meu companheiro Billy Lukusa, que trilham comigo o meu existir.

Aos educandos e colegas da EJA-EMPHR, que ao longo destes meus doze anos vividos em prática docente, questionam minha maneira de saber e fazer, mostrando-me que um conhecimento nunca é estático, e a realidade sempre depende do olhar, jamais é uma, sempre é móbil, de modo que, ao invés de certezas, temos, sempre, possibilidades.

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus que faz bem todas as coisas, que tem realizado maravilhas em minha vida.

À minha família, por acrescentar razão e beleza a minha vida, por serem meu porto seguro.

À Direção, Coordenação do CECIMIG-FAE-UFMG, por oportunizar o curso e propiciar-nos (re)pensar o ensino e a aprendizagem de Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Aos professores e professoras do curso que compartilharam conosco seus saberes.

À minha professora orientadora, Ma. Elaine Soares França, pelo auxílio, disponibilidade de tempo e material.

Aos colegas de turma, companheiros de profissão que acreditam e trabalham por uma educação de qualidade social.

“Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante!”

Paulo Freire

RESUMO

A escola é um espaço onde a pluralidade se encontra e dialoga, local propício para o desenvolvimento das várias dimensões humanas, da reflexão sobre a vida em seus diversos aspectos. A contextualização de questões inerentes a drogas, podem e devem fazer parte do currículo escolar resultando em uma educação preventiva, uma vez que, pessoas bem formadas e informadas podem fazer escolhas conscientes e responsáveis.

O presente trabalho apresenta uma sequência didática que aborda as causas, consequências do uso, abuso e prevenção às drogas, desenvolvida para estudantes de uma turma de EJA Juvenil de uma escola pública de Belo Horizonte.

Relata uma experiência de EJA identificando elementos do conhecimento/aprendizagem de ciências que vão ao encontro da formação que seja problematizadora e libertadora.

Com atividades investigativas, buscou-se o envolvimento dos estudantes com o tema, uma vez que, estamos predispostos a aprender o que nos provoca indagações, curiosidades.

Ao concluir o presente estudo, percebe-se a relevância de abordar drogas e seus contextos, a partir do princípio de que, um conteúdo é aprendido pelo sujeito, se provoca mudanças na percepção da realidade e se modifica as atitudes. Acontecendo de forma contínua e processual, a avaliação não se restringiu a verificar se o trabalho com o uso indevido de drogas incorporou-se ao fazer pedagógico da escola, mas se de posse desse conteúdo as pessoas envolvidas no processo educativo foram capazes de refletir, argumentar, contrapor e questionar a sociedade em que vivemos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Drogas lícitas/ilícitas; Prevenção ao uso de drogas.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Objetivos.....	13
2.1. Geral.....	13
2.2. Específicos.....	13
3. Referencial teórico.....	14
3.1. Juvenização da EJA.....	14
3.2. Drogas e Sociedade.....	15
3.3. Adolescência, juventude, drogas e escola.....	18
4. Metodologia.....	21
5. Resultados e reflexões.....	25
6. Conclusão.....	32
7. Referências Bibliograficas.....	34
8. Anexos.....	38

1. INTRODUÇÃO

A experiência com a Educação de Jovens e Adultos, de favorecer a formação daqueles que não puderam ingressar na escola ou que, por diferentes motivos, foram excluídos do processo, possibilitou-me a efetivação do pensar reflexivo sobre uma educação que reconheça as especificidades dos educandos, com a pretensão de atendê-los mediante seus valores, interesses e possibilidades.

Na relação do ensino e da aprendizagem da EJA, é imprescindível o reconhecimento dos valores, anseios e inquietações que alunos jovens e adultos trazem consigo. A prática pedagógica, que resultará em uma aprendizagem significativa, precisa dialogar com a vivência desses sujeitos. “Esse diálogo exige um trato sistemático desses saberes, significados, alargando-os e propiciando o acesso aos saberes, conhecimentos, significados e cultura acumulados pela sociedade” (ARROYO, 2005, p. 35).

Como defende Leite (2007, p. 25), “os jovens e adultos trazem questionamentos sobre a sociedade em que vivem”. Ensinar ciências, sob este ponto de vista, é de fundamental importância para ampliar estes questionamentos e possibilitar uma visão mais crítica da sociedade em que eles estão inseridos, muitas vezes de forma marginal, com pouca valorização e participação na mesma (ARROYO, 2005).

Desde o nascimento, as pessoas aprendem a todo momento e que aquilo que o sujeito já domina contribui ou não para sua aprendizagem. Os desafios enfrentados no cotidiano, sejam de ordem prática ou filosófica, instigam a aprendizagem. As concepções e/ou ideias que os educandos trazem para os espaços de aprendizagem (sala de aula, laboratório, oficinas) são em sua maioria diferentes das concepções científicas. A ciência “[...] constrói-se, pois, contra o senso comum, e para isso dispõe de três atos epistemológicos fundamentais: a ruptura, a construção e a constatação” (Santos, 2000, p.31). Daí a importância de se problematizar as várias interpretações dadas a um mesmo fato ou um conhecimento para que os educandos possam compreendê-los a partir de outras lógicas de pensar. Mesmo que não mude seus pontos de vista, o educando vai confrontá-los, aumentando sua percepção de que existem outras formas de compreender e explicar o mundo.

O letramento científico¹ está ligado a observação e a interpretação dos fenômenos científicos e culturais, referindo-se a saberes necessários aos processos investigativos. Neste contexto, parece apropriado que o modo de ensinar seja “abrindo janelas” que apresentam o mundo vivo, para não ficar restritos ao aprendizado de fatos e conceitos, e essencialmente à memorização. Uma das maneiras de abrir essas janelas é começando por valorizar o pensamento dos educandos, valorizar o diálogo e a participação democrática como mecanismos de interação. É a dialética desse processo que torna a educação uma prática social imprescindível na constituição de sociedades verdadeiramente democráticas.

As pessoas não são apenas produtos daquilo que vivenciam na escola (MONACO, 2013), por isso um elemento central para a Educação de Jovens e Adultos é incorporar ao currículo elementos da vida dos estudantes. As diversas leituras que fazem sobre o mundo não podem ser ignoradas. Pedroso e colaboradores (2011) afirmam que a realidade dos estudantes precisa fazer parte do currículo de EJA seja como ponto de partida para ensinar os conteúdos escolares ou como meio para problematizar a realidade.

Paulo Freire, em sua obra, argumenta que, para uma educação progressista, é necessário valorizar e respeitar os saberes dos alunos, pois “A localidade dos educandos é o ponto de partida que eles vão criando do mundo. ‘Seu’ mundo, em última análise é a primeira face do mundo mesmo (Freire, 2011, p.86)”. Diálogo entre os conhecimentos escolares e dos estudantes possibilita que estas pessoas possam pensar sobre como vivem e enxergam o mundo para então irem além desta visão de senso comum (Freire, 2001). A partir desta realidade, «do saber de experiência feito», é que podem ser feitas as práticas pedagógicas da EJA. Assim, é importante que essa premissa faça parte dos currículos de

¹ Entende-se como letramento científico a capacidade de empregar o conhecimento científico para identificar questões, adquirir novos conhecimentos, explicar fenômenos científicos e tirar conclusões baseadas em evidências sobre questões científicas. Também faz parte do conceito de letramento científico a compreensão das características que diferenciam a ciência como uma forma de conhecimento e investigação; a consciência de como a ciência e a tecnologia moldam nosso meio material, cultural e intelectual; e o interesse em engajar-se em questões científicas, como cidadão crítico capaz de compreender e tomar decisões sobre o mundo natural e as mudanças nele ocorridas. O letramento científico refere-se tanto à compreensão de conceitos científicos como à capacidade de aplicar esses conceitos e pensar sob uma perspectiva científica. (http://download.inep.gov.br/download/internacional/pisa/2010/letramento_cientifico.pdf)

EJA, pois o que se almeja é que as pessoas, a partir da escolarização, possam se apropriar de conhecimentos que lhes possibilitem compreender e interagir com o mundo e com as pessoas de forma menos ingênua, como se o mundo lhes passasse sem nele pudessem intervir.

O aprendizado escolar de ciências objetiva significação dos conhecimentos científicos e produz algo novo no desenvolvimento do educando. Espera-se um avanço sobre os conhecimentos do senso comum, rompendo com obstáculos conceituais e adquirindo maiores condições de estabelecer relações conceituais, interdisciplinares e contextuais, de saber utilizar uma linguagem que permita comunicar-se com o outro e que possa fazer da aprendizagem dos conceitos científicos algo significativo no seu cotidiano.

Neste sentido, Carvalho ressalta que, em aulas de ciências, “[...] temos de levar os alunos a entender e a participar da cultura científica fazendo com que eles pratiquem seus valores, suas regras e principalmente as diversas linguagens das ciências.” (CARVALHO, 2005, p. 63).

Nos diferentes espaços educacionais por mim ocupados, sempre considerei a essência política do ser educador, a possibilidade de transformar, de possibilitar aos discentes o empoderamento de seu processo de aprendizagem. Como afirma FREIRE:

é preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjogue. (2006, p. 45)

Sempre perpassou pela minha prática pedagógica, a preocupação de refletir criticamente sobre a realidade.

Ao considerarmos os educandos enquanto sujeitos portadores de peculiaridades, trabalhar sua realidade se torna algo complexo, não se resumindo mais em “explorarmos” sua família, seu bairro ou os conhecimentos que julgamos estar-lhe próximos.

De acordo com Paulo Freire, “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa” (2007, p. 22).

Nesta perspectiva, ensino não deve ser reduzido à transmissão de conhecimentos ou de conceitos, mas proporcionar a formação de um espírito científico, cujas características estão presentes desde a infância, como curiosidade, criatividade, inventividade, capacidade de questionamento, imaginação (BACHELARD, 2003 apud SÁNCHEZ e RIBEIRO, 2012).

Esse trabalho está organizado em seis capítulos. No primeiro capítulo apresentamos como seu deu a construção dessa pesquisa, a partir das minhas vivências no campo da educação. No segundo capítulo apresentamos os objetivos da pesquisa. No terceiro capítulo apresentamos os referenciais teóricos que embasaram o estudo. No quarto capítulo apresentamos a metodologia utilizada. No quinto capítulo apresentamos os resultados e as considerações sobre os mesmos. Por fim, no sexto capítulo, apresentamos uma reflexão sobre o desenvolvimento do trabalho.

2. OBJETIVOS

A demanda por desenvolver uma sequência didática que levasse informações sobre drogas e que a partir delas, pudesse ter uma abordagem preventiva juntos aos educandos, surgiu a partir do momento em que assumi uma turma de Educação de Jovens e Adultos Juvenil (EJA Juvenil)², fomentando-me refletir sobre temas especialmente vinculados às vivências juvenis que abarcam questões de saúde, sexualidade e comportamentos de risco³.

2.1- OBJETIVO GERAL

Desenvolver uma sequência didática sobre o uso, abuso e prevenção às drogas com aulas investigativas, debates e apresentação de resultados, possibilitando o apreender dos educandos sobre o tema.

2.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Trabalhar o conceito de autoestima com os educandos, sua relação com o bem-estar e uma vida saudável.;
- Trazer para o cotidiano escolar a discussão sobre a prevenção ao uso de drogas;
- Discutir, por meio de conhecimentos científicos, questões relativas ao uso de drogas e seus efeitos.

² Organização da EJA da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, a partir Portaria nº 317/2014 da Secretaria Municipal de Educação, direcionada ao atendimento com duração anual de 600 horas para estudantes alfabetizados da faixa etária dos 15 aos 18 anos, com defasagem idade/escolaridade de, pelo menos dois anos, que tenham, no mínimo, trajetória escolar correspondente ao 5º ano e que não concluíram o Ensino Fundamental (SMED,2014).

³ Risco é uma consequência da livre e consciente decisão de se expor a uma situação na qual se busca a realização de um bem ou de um desejo, em cujo percurso se inclui a possibilidade de perda ou ferimento físico, material ou psicológico. De acordo com Pieper & Pieper(1999) o ser humano que possui a virtude cardeal da fortaleza expõe-se ao perigo da morte por um bem (1999). Segundo McCrimmond & Werhrung (1986), existem três condições para a definição de risco: (1) possibilidade de haver perda; (2) possibilidade de ganho; e (3) possibilidade de aumentar ou de diminuir a perda ou os danos. Segundo grandes filósofos como Heidegger, o risco é inerente à vida (1980), ao movimento, e à possibilidade de escolha. Viver é correr risco e por isso a incerteza é um componente essencial da existência e igualmente do conceito de risco. Portanto, o termo comportamento de risco, aqui, se refere às ameaças ao desenvolvimento bem-sucedido do adolescente (SCHENKER & MINAYO, 2005, não paginado).

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1. JUVENIZAÇÃO DA EJA

A mudança do perfil dos educandos da Educação de Jovens e Adultos na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte não é fato isolado, pois de acordo com Da SILVA (2007) faz parte do “fenômeno que surge na realidade educacional brasileira, a partir dos anos 90, modificando a face da modalidade EJA que, historicamente, era dirigida ao público adulto e ao jovem quando jovem adulto.”

Esse

“processo de juvenização aponta para a alteração do perfil do estudante dessa modalidade de educação. Ou seja, esse sujeito se torna cada vez mais jovem e já não se apresenta mais, na maioria de vezes, como aquele adulto dos anos 70, do início dos anos 80, com mais de 35 anos de idade, a quem foi negado o direito à educação escolar e que vinha de segmentos rurais. Hoje a EJA vê, entre os sujeitos que a compõem, alguém que já lhe foi estranho. Trata-se de um jovem urbano, que já frequentou os bancos escolares, que tem uma visão “pós-concebida”, construída pautado em suas vivências do que é a Escola, que se desencantou com as perspectivas anunciadas pela escola, advindas da frequência a essa instituição, que tem dificuldades concretas de como aprender o que lhe é ofertado pela escola e de como ser reconhecido pela prática escolar” (p.237).

Como afirma Brunel (2004:19), os jovens que frequentam a EJA constroem sua trajetória de escolarização fora dos padrões de ensinos definidos pela denominada escola regular.

Muitas vezes, o preconceito contamina o nosso relacionamento com esses educandos, manifestando-se nos momentos em que os enxergamos a partir dos estereótipos a eles concedidos: agressivos, sem limites, ousados, irresponsáveis, indisciplinados, drogados etc. Criamos uma barreira que nos impede de dialogar

e acolhê-los frente a alguns comportamentos como: não permanecerem em sala, conversarem muito e fora de hora, utilização inadequada do celular e uso de drogas no interior da escola.

Em contrapartida, acreditamos que a EJA é muito mais ampla que o ensino, não se resumindo à escolarização, à transmissão de conteúdos, mas dizendo respeito aos processos educativos amplos relacionados à formação humana, como sempre deixou muito claro Paulo Freire com a sua visão humanista de mundo. Assim, acreditamos que a escola constitui-se como lugar importante de vivências fundamental para a formação dos sujeitos que dela fazem parte. É também, lugar por excelência, de desenvolvimento das diferentes potencialidades humanas nas mais diversas dimensões: social, cultural, afetiva, cognitiva, estética e ética.

3.2. DROGAS E SOCIEDADE

Qualquer substância não produzida pelo organismo que atuar sobre um ou mais de seus sistemas, e causar alterações em seu funcionamento é definida como droga pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Desde os primórdios da humanidade percebemos indícios do uso de drogas em variados contextos, consumidas com diferentes objetivos e de diversas formas. Uma droga não é por si só boa ou má. Existem substâncias que são usadas com a finalidade de produzir efeitos benéficos como o tratamento de doenças e são consideradas medicamentos. Mas também existem substâncias que provocam malefícios à saúde, os venenos ou tóxicos. É interessante que a mesma substância pode funcionar como medicamento em algumas situações e como tóxico em outras.

O envolvimento de pessoas com as drogas vai além da simples busca dos efeitos dessas substâncias. Diversas causas para o uso de drogas podem ser consideradas: a disponibilidade dessas substâncias, a imagem ou as idéias que as pessoas fazem a respeito das drogas, as características de personalidade, o uso de substâncias por familiares e amigos e assim por diante (NICASTRI, 2006, p.100).

No início do século XX, iniciou-se as discussões sobre o controle do uso/abuso e do tráfico a nível internacional. Segundo o Instituto de Medicina Social e de Criminalogia de São Paulo (IMESC), o reconhecimento da necessidade de um controle internacional dessas substâncias levou à realização da primeira entre tantas conferências e convenções sobre drogas⁴ conforme seguem abaixo:

1909	Conferência de Shangai - Reuniu 13 países para tratar do problema do ópio indiano infiltrado na China não produzindo resultados práticos.
1911	Primeira Conferência Internacional do Ópio (Haia)
1912	Primeira Convenção Internacional do Ópio - Resultante da Conferência de 1911 e popularmente conhecida como a "Convenção do Ópio", regulamentou a produção e a comercialização da morfina, heroína e cocaína. Foi prejudicada em sua execução pela Primeira Guerra Mundial, entrando em vigor apenas em 1921.
1921	Criação da Comissão Consultiva do Ópio e Outras Drogas Nocivas Sucedida pela Comissão das Nações Unidas sobre Drogas Narcóticas (CND - Commission on Narcotic Drugs) por consequência da criação da Sociedade das Nações cuja Convenção constitutiva (art. 23,c) reconheceu a atribuição de elaborar acordos sobre o tráfico de ópio e outras drogas nocivas.
1924	Conferência de Genebra - Ampliação do conceito de substância entorpecente e instituição do sistema de controle do tráfico internacional por meio de certificados de importação e autorização de exportação.
1925	Acordo de Genebra - Surgido da Conferência vinculada à Sociedade das Nações de 1924 torna realidade os dispositivos da Conferência de Haia de 1912.
1931	Conferência de Bangkok - Revisão do acordo de Genebra de 1925.
1931 e 1936	Duas novas Conferências realizadas em Genebra. Estabelecimento da obrigação dos estados participantes tomarem as providências para proibirem, no âmbito nacional, a disseminação do vício.
1946	Assinado protocolo atualizando acordos anteriores sob convocação da ONU (Organização das Nações Unidas)
1948 (Paris) 1953 (Nova Iorque)	Firmam-se outros protocolos. O de Nova Iorque restringiu a produção de opiáceos na fonte, permitindo sua destinação apenas para uso médico.
30/03/1961	Firma-se a Convenção Única de Nova Iorque sobre Entorpecentes Composta de cinquenta e um artigos relaciona os entorpecentes,

⁴ Convenções internacionais sobre as drogas. Disponível em: <http://www.imesc.sp.gov.br/infodrogas/convenc.htm>

	<p>classificando-os segundo suas propriedades em quatro listas. Estabelece as medidas de controle e fiscalização prevendo restrições especiais aos particularmente perigosos; disciplina o procedimento para a inclusão de novas substâncias que devam ser controladas; fixa a competência das Nações Unidas em matéria de fiscalização internacional de entorpecentes; dispõe sobre as medidas que devem ser adotadas no plano nacional para a efetiva ação contra o tráfico ilícito, prestando-se aos Estados assistência recíproca em luta coordenada, providenciando que a cooperação internacional entre os serviços se faça de maneira rápida; traz disposições penais, recomendando que todas as formas dolosas de tráfico, produção, posse etc., de entorpecentes em desacordo com a mesma, sejam punidas adequadamente; recomenda aos toxicômanos seu tratamento médico e que sejam criadas facilidades à sua reabilitação.</p>
21/02/1971	<p>Firma-se a Convenção sobre as Substâncias Psicotrópicas (Viena) que passa a controlar a preparação, uso e comércio de psicotrópicos.</p>
25/03/1972	<p>Firma-se, em Genebra, o Protocolo de Emendas à Convenção Única sobre Entorpecentes de 1961, modificando-a e aperfeiçoando-a. Altera a composição e as funções do Órgão Internacional de Controle de Entorpecentes, amplia as informações que devem ser fornecidas para controle da produção de entorpecentes naturais e sintéticos e salienta a necessidade de tratamento que deve ser fornecido ao toxicômano.</p>
1977	<p>Convocação pela Secretaria Geral das Nações Unidas da Conferência Internacional sobre o Abuso de Drogas e Tráfico Ilícito para rever o documento "Comprehensive Multidisciplinary Outline". Esse documento consiste de quatro capítulos, dois deles referindo-se ao controle do fornecimento e à supressão do tráfico ilícito. Faz sugestões práticas sobre o planejamento de programas efetivos para a supressão do tráfico ilícito em todos os níveis (nacional, regional e internacional).</p>
20/12/1988	<p>Conclusão da Convenção contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e de Substâncias Psicotrópicas (Viena)</p>
11/11/1990	<p>Entra em vigor internacional a Convenção contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e de Substâncias Psicotrópicas que complementa as Convenções de 1961 e 1972, acrescentando, entre outras coisas, o éter etílico e acetona no rol das substâncias controladas.</p>

O problema do uso de drogas “está na relação que se estabelece com a substância, na pura necessidade de se buscar fora de si uma forma de satisfação própria. Seja qual for a droga, o indivíduo, com sua personalidade, suas angústias, aflições, ansiedades e emoções, é que está em jogo” (SOARES, 1996, p. 139).

A prevenção, aplicada ao fenômeno das drogas, visa a adoção de uma atitude responsável com relação ao uso de psicotrópicos. Isto equivale dizer que a prevenção ao uso indevido de drogas é uma intervenção cujo objetivo é evitar o estabelecimento de uma relação destrutiva de um indivíduo com uma droga,

levando-se em consideração as circunstâncias em que ocorre o uso, com que finalidade e qual o tipo de relação que o sujeito mantém com a substância, seja ela lícita ou ilícita (IMESC, 2003).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), além do mercado das drogas estar em crescimento, a faixa de idade dos adolescentes que entram nesse submundo está cada vez menor.

3.3. ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE, DROGAS E ESCOLA

A adolescência é um período instável marcado por transformações, dúvidas e descobertas, em que frequentemente o risco se faz presente. Segundo Jesus (2012), os adolescentes vivem marcantes perdas referentes às mudanças psicobiológicas e aos seus papéis dentro do contexto familiar, escolar e social, enquanto vislumbram várias possibilidades de realizações futuras. Nestas circunstâncias, suas angústias e anseios somados à busca de identidade e às experimentações de tais possibilidades tendem a levá-los a integrar grupos de diversos perfis, dentre estes, aqueles que fazem uso de drogas.

Pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID), em 1997, revela que, até os 18 anos, cerca de 25% dos adolescentes entrevistados já havia consumido alguma droga psicoativa (excetuando-se álcool e tabaco); tal número sobe para 32% entre os maiores de 18 anos.

Zemel (2011), aponta a existência dos seguintes fatores que levam ao consumo de drogas: 1) Fatores do próprio indivíduo: insatisfação com a vida (falta de perspectiva); curiosidade; busca de prazer. 2) Fatores familiares: pais que fazem uso abusivo de drogas. 3) Fatores escolares: falta de regras claras (a maioria de nossos estudantes é oriunda de escolas com regras autoritárias, inquestionáveis, não construídas no coletivo; quando chegam aqui entram em conflito ao encontrar uma escola que lhes propõem a autonomia e confundem a “liberdade” com permissividade). 4) Fatores sociais: violência (alto índice nos arredores da escola); desvalorização das autoridades sociais; falta de recursos para prevenção e atendimento; descrença nas instituições; falta de oportunidade de trabalho e lazer (quanto ao trabalho a maioria de nossos jovens/adolescentes ficam ansiosos para arrumar o 1º emprego, o que é muito difícil, o que é possível conseguir são trabalhos sem carteira assinada como: faxineiro(a), servente de

pedreiro, babá, repositor de supermercado, vendedor, etc). 5) Fatores relacionados à droga: disponibilidade para compra; prazer intenso que leva o indivíduo a querer repetir o uso (os estudantes algumas vezes, em conversa informal, nos relatam as “boas sensações” que a droga lhes proporciona).

Neste contexto, a que se ter um olhar amoroso para cada indivíduo presente na escola, buscando propiciar a constituição de redes sociais⁵ positivas. A pessoa sem adequadas informações sobre os efeitos das drogas; com saúde deficiente; insatisfeita com sua qualidade de vida; com personalidade deficientemente integrada; com fácil acesso à droga, está mais propensa ao uso de drogas. Em contrapartida, a pessoa com menor possibilidade de utilizar drogas seria: bem-informada; com boa saúde; com qualidade de vida satisfatória; bem integrada na família e na sociedade; com difícil acesso às drogas⁶.

Se reconhecemos que é impossível uma sociedade sem drogas, precisamos também defender a ideia de que é possível uma sociedade com ações para enfrentar essa realidade desafiante. É na prevenção que a escola atua. Seu papel não é trabalhar com o dependente e sim realizar ações para evitar o uso de drogas entre os estudantes (SUDBRACK et al, 2005).

Ao falar em prevenção ao uso indevido de drogas, busca-se uma intervenção cujo objetivo é o de evitar o estabelecimento de um uso problemático, de uma relação destrutiva de um indivíduo com uma droga, levando-se em consideração as circunstâncias em que ocorre o uso, com que finalidade e qual o tipo de relação que o sujeito mantém com a substância, seja esta lícita ou ilícita (IMESC, 2003).

Uma ação concreta para a prevenção do uso de drogas é a educação para a saúde buscando a diminuição dos fatores de risco e o aumento dos fatores de

⁵ Redes Sociais aqui são entendidas como o conjunto das relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos (MANGIA e MURAMOTO, 2005).

⁶ Fatores de risco que a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu para considerar a propensão das pessoas ao uso de drogas. Disponível em: <http://www.drogas.joaquimdeoliveira.eu/prevencao>.

proteção. Ou seja, promover a saúde e trabalhar as diferentes dimensões humanas – social, cultural, afetiva, ética, biológica e estética.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa-ação, de análise reflexiva a partir do ensino investigativo, tendo por meta trabalhar relação do ensino e da aprendizagem entre os sujeitos envolvidos. Segundo, Eiterer e Medeiros (2010), a pesquisa denominada pesquisa-ação é especialmente interessante na medida em que favorece processos nos quais o investigador deseja identificar os problemas, refletir acerca deles e agir no sentido de superá-los.

A escola pesquisada foi uma conquista da comunidade através do Orçamento Participativo. Começou a funcionar, em sede provisória, no ano de 2000. Em agosto de 2002, foi entregue a sede definitiva.

Há no bairro da escola um grande número de construções residenciais e o comércio está em expansão. É notável a presença de grupos comunitários atuantes, preocupados com a melhoria da qualidade de vida dos moradores, o que sinaliza a necessidade de uma escola que viabilize o encontro, que proporcione e incentive as discussões e que garanta o direito ao exercício da cidadania.

Neste ano de 2015, a escola oferece o Ensino Fundamental e funciona em três turnos com 28 turmas e um total de 917 estudantes. A organização se dá em ciclos de formação humana, já que a mesma faz parte de uma rede municipal de educação que tem como diretriz político-pedagógica a Escola Plural⁷.

⁷ A Escola Plural, proposta político-pedagógica apresentada, em fins de 1994, pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte – SMED - pode ser considerada como parte da faceta do movimento de renovação pedagógica que vem acontecendo nos últimos 20 anos, como dizem os próprios textos que a definem. O Programa Escola Plural altera radicalmente a organização do trabalho escolar com a instituição de novos tempos escolares tanto para os professores quanto para os alunos. Propõe o rompimento com os processos tradicionais e tecnicistas de ensino, que se baseiam na concepção cumulativa e transmissiva de conhecimentos; a eliminação dos mecanismos de reprovação escolar próprios da concepção seletiva e excludente de avaliação do ensino, faz críticas às relações unidirecionais em que apenas o professor avalia e tem esse poder e introduz, neste sentido, uma nova relação educativa onde todos avaliam todos. O Programa propõe modificar a relação dos sujeitos com o conhecimento, buscando novos significados para o conteúdo escolar numa perspectiva globalizadora e transdisciplinar. (Extraído e adaptado do site <http://www.fae.ufmg.br/escplural/oqueescolaplural.htm>)

No turno da manhã funcionam 7 turmas de 2º ciclo (com alunos de 9 a 12 anos de idade) e 5 turmas de 3º ciclo (com alunos entre 12 e 15 anos de idade). À tarde, funcionam 8 turmas de 1º ciclo (com alunos de 6 a 8 anos de idade) e 4 turmas de 2º ciclo (com alunos de 9 a 11 anos de idade). E a noite funciona a Educação de Jovens e Adultos, com 3 turmas de EJA Múltiplas Idades (15 a 72 anos de idade) e 1 turma de EJA Juvenil (15 a 18 anos de idade).

No início da EJA nessa escola, os educandos eram, na sua maioria, adultos tentando “recuperar” o tempo perdido, pois muitos deles tinham parado de estudar e acreditavam que a conclusão de Ensino Fundamental abria-lhes portas para um emprego melhor ou a oportunidade de promoção no seu local de trabalho. A partir do ano de 2006, o número de jovens e adolescentes tem crescido na escola. Fatores pedagógicos, políticos, legais e estruturais fazem com que muitos jovens procurem, cada vez mais, esta modalidade, e a cada ano mais precocemente.

No ano de 2015, com a implantação da EJA Juvenil na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, foram matriculados 26 estudantes (20 do sexo masculino e 6 do sexo feminino), para a composição de uma turma na escola. Esse número representa 24% do total de educandos matriculados no turno da noite.

Os adolescentes, quando chegam à escola, em geral estão desmotivados, desencantados com a escola regular, com um histórico de indisciplina, infrequência e repetência de um, dois, três ou mais anos. A grande maioria são egressos do ensino regular, apresentando históricos conflituosos com o espaço escolar: abandono, baixa autoestima, sentimento de culpa e fracasso.

A exclusão do mercado de trabalho, as relações familiares quase sempre fragilizadas, os problemas sociais e econômicos, a falta de perspectiva no futuro são características recorrentes, quando observamos as angústias e as inquietações dos mesmos.

A questão do uso de drogas, feito por estudantes dentro e fora da escola deixou de ser uma exceção, passando a fato corriqueiro. Muitos chegam à escola com um forte cheiro de álcool e/ou com sinais visíveis de uso de outras drogas.

Durante esses momentos é difícil o diálogo, pois se tornam agressivos, não dispostos a ouvir.

Acontece conversas individuais, com o objetivo de apontar caminhos e intervir, ainda que superficialmente e sem muitos resultados, a respeito do envolvimento com as drogas. Durante as conversas, os educandos se mostram atentos e parecem acolher as “sugestões”. No entanto, no dia-a-dia o comportamento não modifica.

A escola é um espaço de diversidades e encontros, espaço social propício para abordar e problematizar o tema das drogas, desenvolvendo estratégias de informação e orientação para uma educação preventiva.

Um elemento central para a Educação de Jovens e Adultos é incorporar ao currículo elementos da vida dos estudantes. O que exige dos educadores uma nova postura pedagógica capaz de quebrar com a lógica ensino e aprendizagem desconectada do indivíduo, capaz de construir a percepção de que aprender tem íntima relação com o desejo e as necessidades. “Nesse sentido, um aspecto dos mais importantes refere-se à proposição de um ensino comprometido com a aprendizagem, que considere a situação real e concreta dos alunos, dando sentido e plenitude humana à sua existência, respondendo a problemas de seu dia-a-dia.” (MEC, 2002, p.87)

Um dos primeiros desafios para a pesquisadora ao assumir a turma de EJA Juvenil foi o de construir, perceber a identidade do grupo. Os estudantes se negavam a realizar atividades, demonstravam resistência a qualquer situação em que se fazia necessária a expressão de suas opiniões, de suas dificuldades, de seus valores e perspectiva de futuro. Assim, era impossível realizar as atividades das Oficinas de Integração sugeridas pelo Núcleo de EJA da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, SMED-BH, para o delineamento do perfil da turma.

Frente a esse impasse, buscou-se estratégias para um diálogo com a turma, uma vez que, “reconhecer como legítimas (o que não significa inquestionáveis) as experiências que os alunos jovens vivenciam nos mais diversos espaços – no trabalho, na família, na dimensão cultural, na rua, nos grupos de pares e também

na escola – torna-se condição para estabelecer um diálogo com os alunos o que, por sua vez, é condição para que o conhecimento escolar tenha sentido para eles” (MEC, 2002, p.94).

Entre as tentativas, a que mais deu resultado foi assistir ao filme *Escritores da Liberdade*⁸, no qual os estudantes identificaram situações familiares. Nas discussões pós filme o que ficou mais evidente nas falas foi a questão do histórico de indisciplina escolar e o uso de drogas.

A turma de modo geral se referia ao uso de drogas como algo próximo. Muitos relatavam possuir algum parente ou amigo usuário e alguns admitiam o uso, mas não a questão do vício.

Neste contexto, para a abordagem do tema pensou-se uma sequência didática que propiciasse aos jovens a buscar e desenvolver sua identidade e subjetividade, promover e integrar a educação intelectual e emocional, incentivar a cidadania e a responsabilidade social, bem como garantir que eles incorporem hábitos saudáveis no cotidiano.

O tipo de pesquisa realizada e desenvolvimento da sequência didática, permitiu a observação, a coleta de dados e revisão bibliográfica que subsidiaram uma análise do fazer pedagógico da pesquisadora.

⁸ O filme "Escritores da Liberdade" (Freedom Writers, EUA, 2007), baseado em uma história real, aborda de maneira comovente os desafios da educação, em especial num contexto socioeconômico problemático. Hilary Swank, duas vezes premiada com o Oscar, atua nessa instigante história, envolvendo adolescentes criados no meio de tiroteios e agressividade, e a professora que oferece o que eles mais precisam: uma voz própria. Quando vai parar numa escola corrompida pela violência e tensão racial, a professora Erin Gruwell combate um sistema deficiente, lutando para que a sala de aula faça a diferença na vida dos estudantes. Agora, contando suas próprias histórias, e ouvindo as dos outros, uma turma de adolescentes supostamente indomáveis vai descobrir o poder da tolerância, recuperar suas vidas desfeitas e mudar seu mundo. Com eletrizantes performances de um elenco de astros, incluindo Scott Glenn (Dia de Treinamento), Imelda Stauton (Harry Potter e a Ordem da Fênix) e Patrick Dempsey (Grey's Anatomy), ganhador do Globo de Ouro. *Escritores da Liberdade* é baseado no aclamado best-seller *O Diário dos Escritores da Liberdade*. (Fonte: http://interfilmes.com/filme_16856_Escritores.da.Liberdade-28Freedom.Writers%29.html)

5. RESULTADOS E REFLEXÕES

A aplicação sequência didática na prática pedagógica, vem ganhando cada vez mais espaço no cotidiano escolar. Segundo Cristovão (2011, não paginado) a sequência didática:

“a) permite um trabalho integrado; b) pode articular conteúdos e objetivos sugeridos por orientações oficiais (Diretrizes Curriculares, por exemplo) com aqueles do contexto específico (Projeto Político-pedagógico ou planejamento anual); c) contempla atividades e suportes (livro, internet etc.) variados; d) permite progressão a partir de trabalho individual e coletivo; e) possibilita a integração de diferentes ações de linguagem (leitura, produção escrita etc.) e de conhecimento diversos; f) adapta-se em função da diversidade das situações de comunicação e das classes”.

Zabala aponta que (1998, p.18) “Sequências didáticas são um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais que tem um princípio e um fim conhecido tanto pelos professores como pelos alunos”.

Uma sequência didática deve promover aprendizagem significativa, compreensão, seguir etapas como: levantamento de conhecimentos prévios, contextualizar, analisar, discutir e propor soluções sobre o problema, além da sistematização do novo conhecimento (ZABALA, 1998).

Para o planejamento da sequência didática, optou-se por identificar entre os diversos temas associados as drogas, aqueles que eram de interesse dos estudantes por meio de uma tempestade cerebral. Nesta atividade, a turma elencou os assuntos que queriam estudar: drogas lícitas e ilícitas; vício; álcool; cigarro; maconha; cocaína.

O estudo dos temas elencados respondia à capacidades a serem trabalhadas dentro da Matriz Curricular de Ciências da Natureza da Proposta Curricular da Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte:

- Compreender o significado de saúde em seus vários aspectos;
- Reconhecer situações de ameaça à saúde humana.

A sequência didática sobre drogas, com temas definidos pelos estudantes, foi realizada em 20 horas/aula, durante o mês de maio de 2015.

Na primeira aula da sequência didática, apresentou-se aos estudantes a metodologia de trabalho: aulas expositivas, vídeos, pesquisa, seminários e produções de textos.

Para iniciar os estudos foi solicitado aos estudantes que fizessem uma produção um texto relatando o que sabiam sobre as drogas.

Observando a turma, pode-se perceber o empenho na realização da atividade. Os textos traziam fatos antagônicos em relação às drogas. Partindo da experiência pessoal, uns descreviam o prazer proporcionado pelo uso da droga, “a viagem”, “a paz”, “o ficar de boa”. Outros relatavam o sofrimento causado pela droga nas famílias, nos relacionamentos com amigos e vizinhos. Também foi abordado o fato da violência que existe na comunidade por causa do tráfico: “muitos parceiros já se foram (...) morrem pessoas da nossa idade, que estudaram e brincaram com a gente (...) por causa das rixas até quem não tem nenhum envolvimento não pode sair da vila.”

Na avaliação da atividade, pela pesquisadora, verificou-se que a mesma suscitou nos estudantes a oportunidade de descrever sentimentos em relação ao uso de drogas, aparecendo poucos conceitos científicos sobre o assunto.

Na segunda aula ao serem questionados sobre o que leva as pessoas ao uso e abuso de drogas foi socializado entre os estudantes as opiniões apontadas nas produções da aula anterior.

Para a conclusão desta aula foi utilizado o vídeo “Drogas e seus efeitos”⁹, encontrado no youtube, que relata fatores de risco e proteção ao uso de drogas.

Na aula seguinte propôs-se aos estudantes realizar um jogo de perguntas e respostas que tinha por objetivo tornar conhecidas informações básicas sobre o uso indevido de drogas e medidas preventivas em relação ao seu uso.

⁹ O vídeo pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=qPG6y9bIWqA>

Cartões com perguntas e cartões com respostas (apresentadas em anexo) foram distribuídos aleatoriamente para todos os estudantes (combinando o número de perguntas e respostas com o número total de estudantes da turma). Durante alguns minutos os estudantes circularam pela sala lendo os cartões uns dos outros, tentando combinar as perguntas com as respostas de maneira correta. Quando todos combinaram os cartões, cada dupla apresentou a pergunta e resposta para verificar se elas combinavam. Caso contrário, com a intervenção da professora e dos colegas, ocorreu a troca com quem estava com a resposta correta.

Após a dinâmica os estudantes registraram no caderno os conceitos trabalhados. Por conter algumas questões das aulas anteriores, além de introduzir conteúdos, a o jogo serviu como sistematização dos conhecimentos já trabalhados.

A quarta e quinta aula foram expositivas. A partir de textos científicos, foi discutido sobre as drogas lícitas e ilícitas e a dependência química. Após a explicação da professora os estudantes realizaram resumos e responderam à questões de textos relacionados ao conteúdo.

Texto 1-

Alternar para versão acessível

Portal Sem Drogas

Inicial

Dicionário

O que é droga?

Classificação das drogas

- Depressoras
- Estimulantes
- Perturbadoras

Tratamentos

Clínicas

Notícias

Livro de Visitas

Contato

Links

Literatura

Quem somos

Há diversas formas de classificar as drogas.

Classificação das Drogas do Ponto de Vista Legal

Drogas Lícitas

São aquelas comercializadas de forma legal, podendo ou não estar submetidas a algum tipo de restrição. Como por exemplo, álcool (venda proibida a menores de 18 anos) e alguns medicamentos que só podem ser adquiridos por meio de prescrição médica especial.

Drogas Ilícitas

Proibidas por lei.

Existe uma classificação – de interesse didático – que se baseia nas ações aparentes das drogas sobre o Sistema Nervoso Central (SNC), conforme as modificações observáveis na atividade mental ou no comportamento da pessoa que utiliza a substância. São elas:

1. drogas **DEPRESSORAS** da atividade mental;
2. drogas **ESTIMULANTES** da atividade mental;
3. drogas **PERTURBADORAS** da atividade mental.

Todos os direitos reservados - Associação Promocional Sol Nascente

Texto 2- No que somos viciados? - Joshua Clark

Disponível em: <http://saude.hsw.uol.com.br/vicio3.htm>

- Que exemplos de drogas são utilizados mais frequentemente pelas pessoas?
- Além do vício em drogas que outro tipo de vício pode ser desenvolvido?
- O que ocorre no cérebro durante o vício?
- O que caracteriza um vício?

Durante a socialização das questões foi avaliado se os alunos entenderam os conceitos trabalhados.

Na sexta aula foram retomadas as drogas apontadas pelos estudantes na tempestade cerebral realizada no início do estudo e apresentada a proposta de pesquisa sobre as mesmas.

Cada estudante escolheu uma entre as drogas citadas (cigarro, álcool, maconha, cocaína) e desenvolveram uma pesquisa sobre a mesma.

Para a realização do trabalho foram estabelecidos alguns procedimentos:

1) Organização do portfólio (coletânea de textos, resumo e síntese dos mesmos);

2) Elaboração do projeto

- Justificativa (importância/motivação de se estudar o assunto);

- Objetivos (o que se espera do estudo);

- Problematização (conhecimento prévio/ levantamento de demandas/ o que é preciso para melhor entender o assunto);

- Metodologia (como se dará o estudo, quais fontes serão consultadas, que recursos serão utilizados);

3) Produto final (socialização da aprendizagem por meio de cartazes, folhetos explicativos e Power Points)

Na sétima aula o projeto de pesquisa foi escrito por cada estudante sob a orientação da professora.

Diversos argumentos foram citados na justificativa e na problematização. Como os exemplos abaixo.

“ A escolha por esse tema não foi feita por acaso. Há em minha família pessoas que bebem muito e pessoas que foram alcoólatras, mas procuram recursos para a solução deste problema. Essa realidade muito próxima despertou em mim a curiosidade em pesquisar e responder as seguintes perguntas: alcoolismo é uma doença? O que causa o alcoolismo? Quais as consequências? Como recuperar do vício? ”

“Resolvi pesquisar sobre maconha por já ter usado e conhecido um pouco seus efeitos. Eu acredito que o jovem usa a maconha porque ela provoca um bem-estar temporariamente. Pretendo com minha pesquisa mostrar aos jovens que a maconha provoca um efeito prazeroso no início, mas causa dependência e prejudica a saúde.”

“O que me motivou a pesquisar sobre este assunto, foi a minha própria vida; e também os acontecimentos que venho presenciando com as pessoas viciadas em cigarro. Comecei a fumar com 14 anos e quando percebi já estava viciado. Por isso quis saber mais sobre este problema que acomete pessoas de todas as idades e classes sociais. Minhas perguntas são: o que é o tabagismo? O que leva as pessoas a fumarem? Quais os males e doenças o cigarro provoca no organismo humano? A pessoa que para de fumar recupera totalmente sua saúde? ”

“ Quero pesquisar sobre a maconha pois sou usuária e não me considero uma viciada. Meus irmãos também usam. Um deles fica agressivo e descontrolado quando não fuma. Quero saber por que os efeitos da maconha são diferentes em cada pessoa que usa. ”

Nas três aulas subsequentes foram disponibilizadas a sala de informática e a biblioteca para que os estudantes realizassem a pesquisa. Nesses momentos de estudos autônomos os estudantes contavam com o auxílio da professora e do técnico de biblioteca.

Para a sistematização do conhecimento e posteriormente a socialização do mesmo, no decorrer da pesquisa os estudantes escreviam um texto dissertativo sobre o assunto e suas descobertas.

Logo após esta etapa, aconteceram as apresentações dos trabalhos. Nas considerações de cada um foi possível perceber que a aprendizagem ocorrida era muito mais ampla que conteúdos escolares, tinha significado e relevância para a vida dos estudantes, como podemos perceber nos fragmentos abaixo:

“Após concluir o presente trabalho, posso afirmar o quanto este estudo foi importante para mim. Encontrei respostas para as perguntas que tinha: nenhuma delas ficou sem resposta. Confirmei várias hipóteses levantadas no início da pesquisa, pois sem dúvida, o uso do cigarro é muito maléfico. Sabendo dos problemas que o cigarro pode causar aos seres humanos, quero daqui pra frente, ter força de vontade para abandonar este vício. Sou jovem, forte e determinado. Tenho certeza que um dia vou conseguir...”

“ De acordo com tudo o que pesquisei pude confirmar que o alcoolismo é um vício e também uma doença física e social. O alcoolismo provoca danos à saúde, causando diversas doenças. Além disso causa também problemas e conflitos sociais, familiares e profissionais. É fundamental que o alcoólatra se perceba como tal, e reconheça que precisa de ajuda, para que obtenha resultados favoráveis no tratamento da doença. A medicina não confirma a cura para o alcoolismo através de remédios. Portanto há meios de se tratar, através do apoio dos alcoólicos anônimos que exige muita paciência e força de vontade. Enfim, na busca de respostas as minhas perguntas, obtive bastante sucesso, pois consegui resultados satisfatórios. ”

“A minha pesquisa tem a intenção de saber quais os efeitos e malefícios que a maconha traz para o corpo e a mente humana. Conclui que a maconha traz dependência deixando a pessoa viciada, assim ela perde o controle da própria vida deixando de ser um cidadão que se preocupa com seus direitos e que é feliz incluído na sociedade. ”

A partir do princípio de que, um conteúdo é aprendido se apreendido pelo corpo, se provoca mudanças na percepção da realidade e se modifica as atitudes, se pautou a avaliação do envolvimento dos estudantes com a sequência didática. Acontecendo de forma contínua e processual, não se restringiu a verificar se o

trabalho com o uso indevido de drogas incorporou-se ao fazer pedagógico da escola, mas se de posse desse conteúdo as pessoas envolvidas no processo educativo foram capazes de refletir, argumentar, contrapor e questionar a sociedade em que vivemos.

6. CONCLUSÃO

A escola é um espaço onde as diversidades se encontram, assim podemos legitimá-la como ambiente social adequado para levantar e problematizar como se dá o conhecimento.

O trabalho, realizado com a turma de EJA Juvenil, enquanto um princípio educativo, me traz a certeza de que o estímulo a postura crítica e reflexiva nos estudantes, leva-os a investigação contínua, a desmistificação do “certo” ou “errado”, “verdade” ou “mentira”, “sucesso” ou “frustração”.

Pedro Demo, um dos teóricos que fundamentam a proposta de ensino pela metodologia de pesquisa, argumenta que *“predomina entre nós a atitude do imitador, que copia, reproduz e faz prova. Deveria impor-se a atitude de aprender pela elaboração própria, substituindo a curiosidade de escutar pela de produzir”* (2006, p.10).

Nos relatos dos estudantes, é inegável que se percebem enquanto sujeito que constrói conhecimento, aprende a aprender, se autodisciplinam para o estudo individual e coletivo, capacitam-se para leitura em diferentes portadores e para a escrita de diferentes textos, participam de momentos coletivos opinando, argumentando e respeitando a opinião dos colegas.

“No interior da escola, o saber sistematizado articula-se com a cultura cotidiana em um complexo processo. Nesse processo entra em jogo a necessidade de reestruturação de concepções e opiniões formuladas nas suas relações familiares e sociais que atuaram como transmissores e formadores” (COSTA e STRIEDER, 2008, não paginado).

A construção de conhecimentos em diferentes espaços dizendo que a aprendizagem pode ser informal, onde o indivíduo aprende por imersão num ambiente cultural, com a presença física do outro sujeito ou sem a presença deste, ou de forma formal, em que a aprendizagem é o resultado de um processo deliberado de ensino, como ocorre na escola (CAPECCHI, 2004 apud COSTA e STRIEDER, 2008).

Em suma, o processo vivenciado pelos estudantes da EJA Juvenil, não se resume apenas em apreender conhecimentos e conceitos científicos, mas

também cria condições, de fazer uso desses conhecimentos para agir no e sobre o mundo. É capaz de legitimar o conhecimento prévio dos (as) estudantes e, possibilitar a superação da curiosidade ingênua rumo à curiosidade científica.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J.G. – 1998. A Escola e as novas demandas sociais: as drogas como tema transversal. In: AQUINO, J.G. (org.) – *Drogas na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas*. São Paulo: Summus

ARROYO, Miguel Gonzalez. Educação de Jovens-Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M.A.G.C.; GOMES, N.L. (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BELO HORIZONTE. *Versão preliminar das Proposições Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: SMED, 2013

BOUER, J. E TOZZI, D. – 1998. Prevenção também se ensina? In: AQUINO, J.G. (org.) – *Drogas na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas*. São Paulo: Summus

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental *Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série: introdução*. Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). *Lei de Diretrizes e Bases da (LDB) Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 19 de outubro de 2014.

BRASIL. Secretaria Nacional Antidrogas. *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.

BRUNEL, Carmen. *Jovens cada vez mais jovens na Educação de Jovens e Adultos*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CARVALHO, A. M. P. de (et al). *Ciências no Ensino Fundamental: o conhecimento físico*. São Paulo, SP: Scipione Ltda, 1998.

_____. Introduzindo os alunos no universo das ciências. In: WERTHEIN, Jorge e Célio da Cunha (orgs). *Educação Científica e desenvolvimento: o que pensam os cientistas*. Brasília: UNESCO, 2005.

CARLINI-COTRIM, B. Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In: AQUINO, J.G. (org.) – *Drogas na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

COSTA, Siloá Junkes Dala; STRIEDER, Dulce Maria. *O Ensino de Ciências e a Educação de Jovens e Adultos – Caminhos para a formação da Cultura Científica*. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2020.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2016.

CRISTOVÃO, Vera. Lúcia. Lopes. *Seqüências didáticas para o ensino de línguas*. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2011/espanhol_artigos/cristovao.pdf>. Acesso em: janeiro de 2016.

DE LA TAILLE, Y. *Limites: três dimensões educacionais*. São Paulo: Ática, 1998.

DEL MONACO, Graziela; LIMA, Emília F. de. Que conhecimentos sobre Ciências ensinamos na Educação de Jovens e Adultos e quais poderíamos ensinar? *Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*. Campo Grande, MS, n.32, p. 67 a 85, jul/dez.2011.

DEMO, Pedro. *Pesquisa: principio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. Educação de adultos: algumas reflexões. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (orgs.) *Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Política e educação: ensaios*. 5a edição. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José (orgs). *Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

GALDURÓZ, J.C.; NOTO, A.R.; PINSKY, I. (1995) *A mídia na fabricação do pânico de drogas: um estudo no Brasil*. Comunicação e Política , n.1, v.2.

Info Drogas. Disponível em: <http://www.imesc.sp.gov.br/infodrogas/prevenir.htm>. Acesso 10/dez/15.

Legal ou ilegal? Eis a questão. Disponível em: <http://www.imesc.sp.gov.br>. Acesso 10/jul/08.

LEITE, Adriana Cristina S. *Visões de alunos Jovens e Adultos acerca de suas experiências em aprender Ciências*. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/.../dissertacao_adrianacsleite.pdf. Acesso 18/dez/15.

MONTEIRO, Simone Souza. Educação, prevenção de drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo. In, *Revista Educação e Sociologia*. Campinas, vol 24, n 83, p 659-678, agosto 2003.

NICASTRI, Sérgio. Drogas: classificação e efeitos no organismo. In: BRASIL. Secretaria Nacional Antidrogas. *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, vol 5, p 88-100, 2006.

O que é escola plural. Disponível em <http://www.fae.ufmg.br/escplural.htm>. Acesso 10/set/2014.

PEDROSO, A.N.F et al. *Educação de Jovens e Adultos. O que revelam as pesquisas. Estudos em EJA*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SOARES, Gilda Maria Pompéia. A questão da droga na escola. *Série Idéias*, São Paulo: FDE, n. 29, p. 137-148, 1996.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G C; GOMES, Nilma Lino (orgs). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

_____ ; VENÂNCIO, A. R. Tensões, contradições e avanços: a educação de jovens e adultos em uma escola municipal de Belo Horizonte. *Educar em Revista*, Curitiba, n.29, p. 141-156, jan./jun. 2007.

SUDBRACK, Maria Fátima Olivier; JACOBINA, Olga Maria Pinmentel; COSTA, Liana Fortunato. Redes Sociais Como Estratégia de Prevenção do Uso Indevido das Drogas no Contexto da Escola. An. 1 Simp. Internacional do Adolescente Brasília, mai. 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. *Educ. Rev. [online]*. 2007, n.29, pp. 83-100. ISSN 0104-4060. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S010440602007000100007>. Acesso em: 01 de abr. 2014.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, Set./Out./Nov./Dez.1999, n. 12, p.59-73.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000

SANTOS, Mariana Nascimento e SOUZA, Marcos Lopes. *O Ensino de Ciências em Turmas de Educação de Jovens e Adultos*. Disponível em: www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1514-1.pdf. Acesso em: 03 de abr. 2014.

SCHENKER, M., & MINAYO, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G C; GOMES, Nilma Lino (orgs). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

SOUSA, P. M. L – 2006. *Desenvolvimento moral na adolescência*. Disponível em <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0296.pdf>. Acesso em 22/mar/08.

ZALUAR, Alba (Org.). *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

8. ANEXO

JOGO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS (Aula 3)

Adaptação da dinâmica proposta por Alfredo Francisco Pliessnig

Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=2055>

1 - O que são drogas?

Resposta - São substâncias utilizadas pelo homem para produzir alteração do seu humor, da sua mente e das suas sensações.

2 – O que faz com que as alterações psicológicas provocadas pelas drogas sejam mais ou menos intensas?

Resposta - As alterações psicológicas variam de acordo com o tipo e a quantidade de droga e as características de quem as utiliza.

3 – Quais os tipos de drogas?

Resposta - Há dois tipos de drogas: as lícitas (álcool, tabaco e alguns medicamentos) e as ilícitas (maconha, cocaína, LSD, crack, anfetaminas, etc.).

4 - Quais os três grupos em que podem ser classificadas as drogas?

Resposta - Estimulantes, Depressoras e Perturbadoras (alucinógenas).

5 – O que é dependência química?

Resposta – É quando a pessoa apresenta uma série de sintomas e perda do controle do uso de uma determinada substância psicoativa.

6 – Como pode ser identificada uma possível situação de uso de drogas?

Resposta – Quando são observadas alterações no cotidiano pessoal; queda do rendimento no trabalho, estudo, higiene pessoal; desinteresse por convívio social; mudanças de comportamento; ocorrência de pequenos delitos como furtos de objetos.

7 – Que características individuais podem dificultar o envolvimento com drogas?

Resposta – Habilidades em resolver problemas, vínculos positivos com pessoas, autoestima desenvolvida, pais presentes que estabelecem limites, bom desempenho na escola, respeito às leis, informações corretas sobre as drogas.

8 – Que situações são desencadeadas pelo uso de drogas?

Resposta – Furto, roubo, sequestro, violência doméstica.

9 – Por que as pessoas ainda consomem drogas se há tanta divulgação de que fazem mal?

Resposta – Há vários motivos, dependendo da pessoa: curiosidade, para esquecer problemas, frustrações ou insatisfação, insegurança e busca de prazer. O uso pode comprometer gravemente a vida da pessoa.

10 – Que fatores levam ao risco de uso ou abuso de drogas?

Resposta – A falta de informação, uma saúde deficiente, insatisfação com a própria vida, personalidade vulnerável e acesso fácil às drogas.

11 – O que significa Prevenção às Drogas?

Resposta – Define-se como prevenção às drogas: medidas que informam as pessoas sobre as questões relacionadas com o seu uso; ações que impeça o seu uso e recuperação de usuários com reintegração ao meio social.

12 – Que atitude o jovem pode ter para prevenir-se do uso indevido de drogas?

Resposta – Praticar exercícios físicos, ter vínculos positivos com as pessoas, informar-se sobre o uso e abuso de drogas.